



EDUCAÇÃO, PESQUISA E COMPROMISSO SOCIAL: pesquisa investigativa sobre os estigmas do pedagogo na Educação Infantil em Água Branca-AL

FIGUEIREDO, Carla Taciane¹
BARROS, Damião de²

Grupo de Trabalho (GT 1): Educação, Direitos Humanos, Currículos, Sujeitos e Diversidades

RESUMO

O presente estudo investiga os estigmas enfrentados por pedagogos do gênero masculino na Educação Infantil em Água Branca-AL, problematizando como sua presença ainda é marcada por preconceitos, desconfiança e barreiras culturais e institucionais. Trata-se de uma pesquisa de natureza quali-quantitativa e explicativa, fundamentada em revisão bibliográfica, documental e aplicação de entrevistas e questionários a profissionais da rede municipal. Os resultados parciais indicam que a docência na Educação Infantil no município é exercida quase exclusivamente por mulheres, reforçando o estigma de que o cuidado infantil seria uma função “naturalmente” feminina. Essa percepção gera suspeitas sobre a masculinidade e a competência profissional dos pedagogos, ocasionando exclusões veladas e dificultando sua permanência na carreira. A análise aponta para a necessidade de políticas públicas e debates educacionais que incentivem a diversidade de gênero no magistério infantil, visando práticas mais inclusivas e igualitárias.

Palavras-chave: Educação Infantil. Estigma. Gênero. Inclusão. Pedagogos.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada emergiu no contexto da disciplina *Saberes e Metodologias da Educação I*, cursada no 5º período da licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, em 2024.2. Durante uma aula mediada pela Prof.^a Dra. Laíse, foi promovida a leitura e discussão do texto de Arce (2001), que aborda o mito da “educadora nata” e a construção histórica que associa a docência na Educação Infantil à figura feminina.

Esse debate foi o ponto de partida para inquietações pessoais e acadêmicas acerca da ausência masculina na Educação Infantil e dos preconceitos que recaem sobre os pedagogos que escolhem atuar nesse campo. O estranhamento inicial, provocado pela constatação de que a prática pedagógica com crianças pequenas é socialmente concebida como atividade exclusiva das mulheres, motivou o início de uma investigação mais aprofundada, vinculando-se ao compromisso social da universidade de problematizar desigualdades históricas e culturais.

¹ UFAL. carla.figueiredo@delmiro.ufal.br Supervisora orientadora desse trabalho.

² UFAL. damiao.barros@delmiro.ufal.br





No município de Água Branca-AL, onde a pesquisa foi situada, a presença de pedagogos homens na Educação Infantil é praticamente inexistente. Essa realidade reforça a relevância da experiência formativa, uma vez que possibilitou questionar os fatores que sustentam tal ausência e refletir sobre os impactos dessa exclusão no processo educativo e na construção de uma educação plural.

OBJETIVOS

O estudo tem como objetivo relatar o processo formativo vivenciado no curso de Licenciatura em Pedagogia na UFAL-Campus do Sertão, a partir da experiência enquanto pessoa do gênero masculino, refletindo sobre os estigmas que recaem sobre a atuação do pedagogo na Educação Infantil. Busca, além disso, analisar de forma a prática de investigação acadêmica articula na educação, pesquisa e compromisso social, evidenciando o papel transformador da Universidade na problematização das desigualdades.

Pretende-se, dessa forma, também identificar a partir dessa experiência formativa investigar as barreiras culturais, institucionais e sociais que dificultam a inserção e permanência dos homens nesse campo de atuação, ao mesmo tempo em que promove reflexões acerca da importância da diversidade de gênero na docência.

Por fim, destacar a relevância da pesquisa acadêmica como instrumento de enfrentamento de estigmas e preconceitos, contribuindo para a construção de uma educação mais democrática, inclusiva e plural.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de estigma é central para este estudo, sendo trabalhado por Goffman (1988), que o define como um atributo profundamente depreciativo, capaz de reduzir a identidade social de um indivíduo, colocando-o em posição de exclusão. Na Educação Infantil, essa lógica se manifesta na crença de que o cuidado infantil é “naturalmente” feminino, desqualificando a presença masculina.

Arce (2001) demonstra que a constituição histórica da docência na Educação Infantil esteve ligada ao mito da maternidade, em que a mulher é concebida como educadora nata, e a prática pedagógica é compreendida como extensão das funções domésticas. Essa concepção fortaleceu a exclusividade feminina no campo, marginalizando a atuação de homens.





Pesquisas recentes, como as de Vasconcelos e Borges (2020), evidenciam que muitas famílias e comunidades ainda acreditam que as mulheres têm mais sensibilidade e “jeito” para lidar com crianças. Tal visão reforça preconceitos contra pedagogos homens, vinculando sua atuação a suspeitas sobre masculinidade, identidade de gênero ou até intenções profissionais.

Autores como Louro (1997) e Kramer (1995) reforçam a importância de desconstruir tais estereótipos. Louro (1997) afirma que gênero é uma construção social, não uma determinação biológica, então não a justifica para limitar a presença masculina na docência infantil. Essa perspectiva é fundamental porque revela que as barreiras impostas aos homens nesse campo não são naturais, mas construção histórica e culturais, que podem ser revistas.

Seguindo com Kramer (1995) destaca que a Educação Infantil deve ser compreendida como espaço de formação integral da criança e exige profissionais preparados, com intencionalidade pedagógica e compromisso ético, independente do gênero. Dessa forma, tanto homens quando mulheres quando formados adequadamente são capazes de exercer a docência com qualidade e sensibilidade, ou seja, rompe com a ideia de apenas o feminino seria apto para o cuidado e educação das crianças pequenas. Nesse sentido, ao articular as contribuições desses autores, fica evidente que a superação do estigma de gênero na Educação Infantil passa pela valorização da formação do docente e pela desconstrução de preceitos que limitam a diversidade no espaço escolar.

Oliveira (2002) destacam que a Educação Infantil exige formação específica, intencionalidade pedagógica e compromisso ético – elementos que independem do gênero do profissional. Nesse sentido em consonância com Oliveira (2002) que afirma que “o trabalho com as crianças na Educação Infantil exige conhecimentos específicos planejamento e intencionalidade educativa”, defendendo dessa forma a importância da formação docente como elemento central para qualidade nesta educação, assim, não basta apenas “gostar de crianças” ou também já sermos pré-destinados “nato” para trabalhar na área, mas é preciso ser qualificado com formação, pois não se resume um lugar apenas de cuidado, mas de ensino-aprendizagem que tenha intencionalidade educativa.





Assim, superar os estigmas que vinculam a Educação Infantil ao universo exclusivamente feminino é condição essencial para promover uma prática educativa democrática, inclusiva e socialmente comprometida.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa e explicativa, pois busca compreender tanto os aspectos objetivos da realidade investigada quanto às percepções subjetivas dos envolvidos.

Procedimentos:

- Pesquisa bibliográfica e documental, com base em autores que discutem gênero, estigma e Educação Infantil;
- Análise de documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação de Água Branca-AL, para mapear a distribuição de docentes;
- Aplicação de questionários e entrevistas a pedagogos da rede municipal, bem como gestores e professoras, para identificar percepções sobre a presença masculina na Educação Infantil;
- Procedimentos éticos: todos os participantes serão informados sobre os objetivos da pesquisa e convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As falas serão preservadas de forma anônima, garantindo confidencialidade.

RESULTADOS (PARCIAS)

Os resultados parciais obtidos até o momento indicam que a rede de Educação Infantil de Água Branca-AL é composta quase integralmente por mulheres, não havendo registro de pedagogos homens atuando em creches municipais. Essa ausência, longe de ser casual, reflete barreiras institucionais e culturais que desestimulam a presença masculina nesse campo.

As análises bibliográficas e os relatos iniciais coletados demonstram que os homens interessados em atuar na Educação Infantil enfrentam resistências, tanto de colegas e gestores quanto de famílias. A suspeita em relação à masculinidade e à sexualidade desses profissionais, bem como a crença de que lhes falta sensibilidade para o cuidado, são fatores





que se apresentam como obstáculos recorrentes (GOFFMAN, 1988; VASCONCELOS; BORGES, 2020).

A experiência revelou, ainda, que a pesquisa acadêmica desempenha papel estratégico no enfrentamento desses estigmas. Ao problematizar a ausência de diversidade de gênero na Educação Infantil, a investigação não apenas colabora para ampliar a compreensão científica do tema, mas também contribui para a construção de políticas e práticas educacionais mais inclusivas. Nesse sentido, reafirma-se o compromisso social da universidade pública em dialogar com a realidade local e em intervir criticamente nos processos que perpetuam desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência demonstra que a formação acadêmica, quando articulada à pesquisa e ao compromisso social, constitui-se em um espaço privilegiado de transformação pessoal e coletiva. A experiência vivida no curso de Pedagogia da UFAL permitiu compreender que investigar os estigmas enfrentados por pedagogos homens na Educação Infantil vai além de uma inquietação acadêmica: trata-se de uma ação comprometida com a justiça social, com a equidade de gênero e com a valorização da diversidade no espaço escolar.

A ausência de pedagogos do gênero masculino na Educação Infantil de Água Branca-AL não é apenas um dado estatístico, mas um reflexo de estruturas históricas e culturais que precisam ser problematizadas e transformadas. A universidade, nesse processo, assume papel essencial ao formar profissionais críticos, capazes de identificar, questionar e propor alternativas para realidades marcadas por desigualdades.

Assim, a experiência reafirma que educação, pesquisa e compromisso social são dimensões indissociáveis na formação docente. Ao promover reflexões sobre gênero e profissão, a prática investigativa fortalece a construção de uma educação mais democrática, inclusiva e plural.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. **Documentação oficial e o mito da educadora nata na Educação Infantil.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 113, p. 167-184, 2001.





GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

KRAMER, Sonia. **Quem cuida da criança?**. São Paulo: Cortez, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. V. Os primeiros passos da história na educação infantil no Brasil. VI Novos tópicos na história da educação infantil no Brasil. In: _____. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2014. P. 67–90.

VASCONCELOS, Karina Borges; BORGES, Cinthia Darin. **Gênero e educação infantil**: representações sociais de mães, pais e educadoras sobre a atuação de homens na docência. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 480-506, jul./dez. 2020. Acesso em: 12 de mai. de 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p480>.

